

ANÁLISE E RELAÇÃO ENTRE POEMAS E QUADROS¹

Jonathan Fonseca Fogo

Referência: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. 4 ed. RJ. Record. 1997, p.29-37

Este texto possui como finalidade analisar os poemas de Drummond “Auto-retrato”, “Gioconda”, “Fuzilamento na Moncloa” e “Tiradentes”, encontrados no capítulo “Arte em exposição” no livro referenciado acima, relacionando-os com suas respectivas obras e com embasamento nas leituras teóricas e aulas proferidas pelo Prof. Dr. Gilberto Martins.

No quadro de Soutine, “Auto-retrato”, existem dois planos visíveis — no primeiro, encontra-se uma figura humana distorcida que é iluminada a partir de uma diagonal frontal direita, o que faz seu corpo ficar levemente sombreado, misturando-se com o segundo plano totalmente escuro. Então, esse fato nos leva ao tom de mistério, já que a figura representada está meio obscura e disforme, há uma dificuldade em saber quem a figura é ou o que ela representa.

Logo, nos dois primeiros versos do poema de Drummond também indicam essa dúvida de quem de fato está sendo representado, já que com o mesmo nome do quadro sendo *Auto-retrato*, o eu-lírico questiona sua auto-representação. O som do poema também casa com a atmosfera criada pela pintura, de forma que a consoante “s” sibilante juntamente com as vogais “u” e “e” átonas aclimatam essa tensão misteriosa e confidente.

Sobre a obra de Goya, “Fuzilamento na Moncloa”, é possível notar vários planos, sendo o segundo plano o mais iluminado, cuja fonte do ponto de luz é uma lanterna no meio do quadro, que pode ser entendido no poema como “A lanterna tranquila”. Nesse plano existem figuras humanas sendo ameaçadas com armas de fogo, usadas por outras figuras humanas vestindo chapéus que se misturam com os corpos caídos com muito sangue no primeiro plano. Essa sobreposição contínua de corpos, tiros, sofrimento e sangue também se

¹ Trabalho produzido para a disciplina Teoria da Poesia II – Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins.

encontra no poema, logo no primeiro verso. A falta de pontuação nos evoca esse sentimento de progressão, rapidez e continuidade das mortes, tiros e corpos caídos, como uma dança, no poema, representado pelo balé.

Voltando a falar sobre o ponto de luz no quadro, apesar da origem da iluminação ser a lanterna que está no centro, o ponto mais iluminado é a figura humana no centro esquerdo do quadro, que está com os braços abertos, pronto para receber os tiros que o farão perecer, mas que, mesmo assim, reflete toda a luz que há no local, que é sombrio - retratado pelos planos anteriores - ou seja, a partir do poema, a “lanterna tranquila” reflete sua luz na figura humana e assim a torna símbolo de “esperança da Ressurreição”.

Em Gioconda, pintada por Leonardo da Vinci, nota-se em primeiro plano uma figura feminina, sentada, sendo iluminada em sua parte superior até a altura de suas mãos, deixando suas pernas sombreadas. E em segundo plano, uma paisagem composta por rios, árvores e montanhas. Entretanto, além de seu olhar, o que mais chama atenção é o elemento mais famoso da obra: o sorriso misterioso da mulher representada. É evidente que muitos já tentaram analisar o que há por trás desse sorriso, e então Drummond traz a sua versão do possível significado. Nos dois primeiros versos, o poeta fala de seu *ardiloso* sorriso e do silêncio que ele representa, trazendo a tona o mistério que se tornou questão de milhares de pessoas pelo mundo, ou seja, um sorriso incógnito que instiga tanto poetas quanto qualquer outro admirador dessa arte à investigá-lo. Além disso, no segundo verso “*alonga-se em silêncio*” salienta um “s” sibilante, o que traz a sensação de silêncio, um silêncio representado no quieto do sorriso de Monalisa.

Ainda falando sobre a Gioconda, salienta-se que no penúltimo verso, o eu-lírico ainda aborda a questão da ansiedade que muitas pessoas tem em trazer um significado para o sorriso de Monalisa, além disso, essa ansiedade para Drummond mostra-se desnecessária. É possível notar também, que é neste e no último versos do poema, aparecem os três únicos pontos finais, o que mostra uma objetividade em suas afirmações, como se o sorriso de Monalisa não tivesse nenhuma outra explicação além de ser mais um sorriso comum que o eu-lírico confirma em “*Não há decifração. Há sorriso.*”.

Por fim, a obra de Portinari, “Tiradentes” difere-se das outras analisadas aqui por ser um mural, onde uma pintura retrata várias cenas que contam uma narrativa pictórica. Representando de maneira mais abstrata a realidade dos fatos históricos pertinentes ao inconfiante mineiro Tiradentes e seus parceiros, a obra se divide em quatro cenas que, em

sua composição parecem dotadas de diversos planos, devido ao diferente uso das cores, sendo os planos mais próximos do espectador, pintados com cores mais fortes, tons escuros e quentes, contrastando com os planos posteriores em tons claros de maioria azuis e brancos.

Sendo assim, tanto a pintura quanto o poema narram a mesma história – o destino trágico de Tiradentes e sua marca na história de Minas Gerais, sendo que no primeiro verso é retratada a sentença dada ao inconfidente que no quadro está representada pela primeira cena, no canto esquerdo, onde existem várias figuras humanas bem vestidas, levando à impressão de pessoas responsáveis de aplicar tal sentença. O segundo verso fala sobre a vitória que o governo português, que no quadro está representado por pessoas também bem vestidas na segunda cena, obteve ao sentenciar Tiradentes. Já o terceiro verso, representado no quadro pelas terceira e quarta cenas, narra os eventos após a execução da pena, que foi o enforcamento e a exibição dos pedaços do corpo de Tiradentes ao longo da estrada ao Rio de Janeiro, o que por fim é tratado no último verso como um importante episódio na história de Minas Gerais e também de todo o Brasil.

Desta forma, após as análises dos quadros e dos poemas, afirma-se que Drummond conseguiu captar a essência de cada obra não verbal, seja simplesmente admirando um sorriso incógnito ou narrando uma parte importante da história brasileira, e transformá-las em outras obras, desta vez, verbais, nos possibilitando refletir sobre arte, que é passível de interpretação subjetiva e, que em suas mãos, torna-se outra arte, passível de novas interpretações subjetivas.